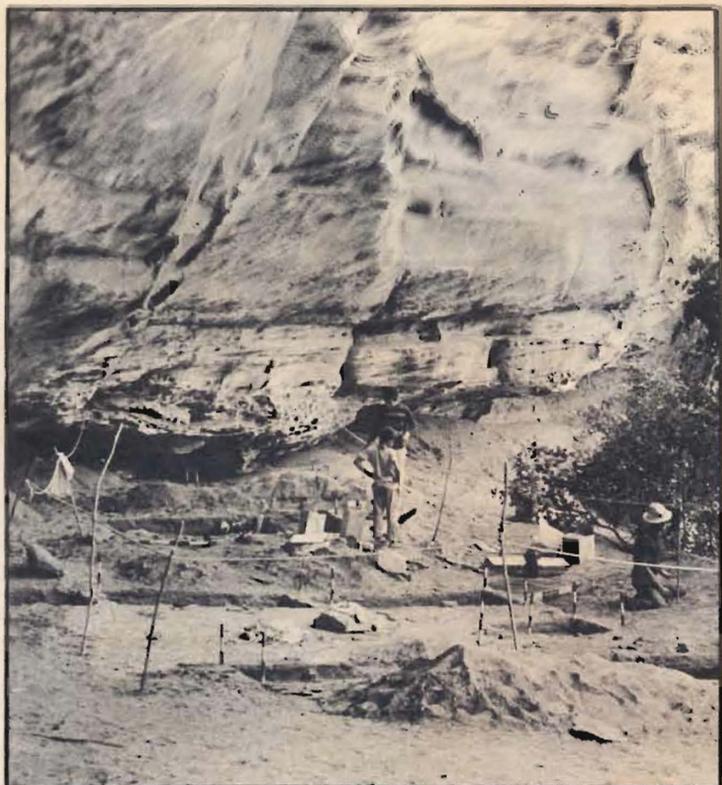


# O cemitério dos índios que morreram há dois mil anos

**T**ENHO certeza de que isso é coisa de fenícios no duro", disse Sebastião França, 40 anos, administrador do cemitério de Buíque, sertão pernambucano, ao descobrir inscrições, pinturas, esculturas e ossadas ao pé da serra do Catimbau, a 13 km da cidade. Sebastião tinha razão em parte: o achado arqueológico foi calculado pelos técnicos como tendo, no mínimo, dois mil anos de idade. Mas não era coisa de fenícios. O arqueólogo Marcos Albuquerque, da Universidade Federal de Pernambuco, e a equipe que foi ao local estudar a descoberta concluíram que se tratava de um cemitério de índios que habitaram Buíque há milênios. "Pode ter de 1.600 a 2.000 anos, talvez apenas pouco mais de mil anos, mas também pode ser de uma antiguidade incalculável", diz o arqueólogo. De qualquer maneira, os técnicos garantem que o achado é da maior importância para o conhecimento dos nossos antepassados primitivos. O homem mais antigo encontrado até agora no Brasil tem nove mil anos de idade e foi desenterrado em Minas Gerais. Como ele, os esqueletos dos índios de Buíque têm muita coisa a contar.

Sebastião França achou o cemitério por acaso. Estava procurando tesouros enterrados há milhares de anos por civilizações antiquíssimas, como sempre costumava fazer, quando deparou com as ossadas. "Coitado, Sebastião está ficando doído", diziam os moradores de Buíque, um vilarejo de 35 mil habitantes, entre os quais já estiveram um dia Lampião e Graciliano Ramos. Não era loucura, não. O arqueólogo Marcos, o estudante de Ecologia Velêda e o estudante de Arqueologia Mauro foram até lá, armaram seu acampamento de baixo da serra do Catimbau, isolaram a área do achado e começaram as escavações. Fizeram o primeiro corte no terreno e encontraram uma grande quantidade de fogueiras e níveis bastante espessos de carvão. Nos níveis mais superficiais foram achados fragmentos de cerâmica sem decoração. Nos níveis mais profundos, artefatos líticos,



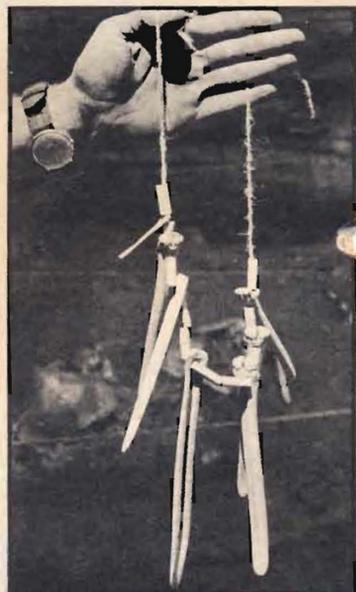
Ao pé da serra do Catimbau os arqueólogos escavaram o terreno e descobriram o cemitério indígena de cerca de dois mil anos.



Sebastião França tanto procurou tesouros perdidos que acabou achando esse, que, para os arqueólogos, vale mais do que ouro.



Mauro, estudante de Arqueologia, um dos pesquisadores.



Colar encontrado entre ossadas e objetos de cerâmica.

facas de pedra lascada e raspadores. Num outro corte no terreno, foi descoberto, intato, um esqueleto completo, enterrado na posição fetal.

Assim, os técnicos puderam dar a sua versão preliminar da história. Em Buíque, há dois mil anos ou mais, existia um cemitério de indígenas que era utilizado por dois grupos distintos e



O arqueólogo Marcos Albuquerque reconstituiu a história a partir dos achados: os índios de dois mil anos atrás cremavam os cadáveres antes de enterrá-los. Tinham em média 1,67 m de altura e se alimentavam de jatobá, urucuri, babaçu e mel de abelhas.

em épocas difentes. Chegou-se a essa conclusão porque, primeiro, só foram encontrados ossos e muito pouco material (não se tratava portanto de um sítio de habitação, e, segundo, misturavam-se ossos de pedra lascada e cerâmica, produto de duas épocas bem separadas uma da outra. Os cadáveres — segundo as condições arqueológicas — eram criados antes de

serem enterrados, mas muitas vezes os índios jogavam terra por cima do corpo sem esperar que ele terminasse de queimar. Por isso, o esqueleto retirado em posição fetal estava bastante queimado, enquanto três outros, achados por Sebastião, apenas chamuscados. Outra conclusão: a média de altura dos índios que habitaram Buí-

que nessa época era de 1,67 m. Eles se alimentavam de recursos próprios da região e que existem até hoje. Os índios viviam trocando de morada de acordo com as condições da região: por causa dos rios, do ciclo frutífero, da mudança de clima. Toda a região vizinha à serra do Catimbau se prestava magnificamente para a habitação indígena.

O clima ali nem é muito quente nem muito frio. Da serra desce uma água muito limpa, quase potável, de uma fonte que nunca secou. Os arqueólogos asseguram que essa é apenas uma parte da história. Querem agora descobrir o resto. △

Reportagem de RICARDO NOBLAT  
Fotos de CARLOS WEICK